

ABORDAGEM HIERÁRQUICA DA GRAMATICALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÕES CLIVADAS EM INTERROGATIVAS DE CONTEÚDO

A hierarchical approach to the grammaticalization of cleft constructions in content interrogatives

Michel Gustavo FONTES¹

Resumo: Este artigo objetiva contribuir com o delineamento de uma abordagem hierárquica da gramaticalização. Para tanto, a atenção se volta para a estrutura das interrogativas de conteúdo do português, especificamente para a clivagem do constituinte interrogativo por meio da construção-*é que* e da construção-*que*. Com base no aparato teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), são distinguidos, na diacronia do português, quatro padrões de estruturação das clivadas nas interrogativas de conteúdo. A partir disso, este trabalho defende que a emergência da construção-*é que* e da construção-*que*, nas interrogativas de conteúdo do português, representa um caso de gramaticalização e aponta para mecanismos de análise que, no interior da GDF, dão conta de abordar hierarquicamente tal processo de mudança linguística.

Palavras-chave: Gramaticalização. Interrogativas de Conteúdo. Clivagem. Gramática Discursivo-Funcional.

Abstract: This paper aims to contribute to the design of a hierarchical approach to grammaticalization. To do so, its attention focuses on the structure of content interrogatives of Portuguese, specifically on the occurrence of cleft constructions. Based on Functional Discourse Grammar principles (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), four structuring patterns of cleft constructions in content interrogatives are distinguished in the diachrony of Portuguese. This way, it is argued that the emergence of “*é que*”-constructions and “*que*”-constructions in Portuguese content interrogatives represents a case of grammaticalization, and it is presented some analytical devices that can hierarchically approach this grammaticalization process in the context of FDG.

Keywords: Grammaticalization. Content interrogatives. Cleft constructions. Functional Discourse Grammar.

¹ Fontes. UFMS. Endereço eletrônico: michelfontes2002@yahoo.com.br

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

Introdução

O objetivo central deste artigo é contribuir com o delineamento de uma abordagem hierárquica a casos de mudança linguística, nomeadamente de gramaticalização. Essa proposta se insere num âmbito maior de investigação, mais precisamente na sequência de uma série de trabalhos² cujo propósito é buscar um diálogo entre os princípios teórico-metodológicos da Gramática Discursivo-Funcional, de Hengeveld e Mackenzie (2008), e os da gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BYBEE; PERKINS; PAGLIUCA, 1994; HEINE; KUTEVA, 2007; LEHMANN, 1995; 2002; BRINTON; TRAUGOTT, 2005).

De modo a consolidar tal propositura, este trabalho recorta, como objeto de estudo, interrogativas de conteúdo do português, isto é, sentenças interrogativas diretas que contêm um pronome ou advérbio interrogativo, conforme exemplificam os dados em (1).

- (1)
- a *o que* a senhora gostaria de fazer?
 - b *que* é que um professor faz...?
 - c *qual* é o problema?
 - d *quem* é que vai comprar?
 - e elas têm origem... *onde*?
 - f *quando* é que o aluno evidencia conhecimento?
 - g *quantos* o senhor deseja?
 - h *como* que nós chegamos a ela?
 - i não poderia *por quê*?

(FONTES, 2012a, p. 150, grifos do autor)

A estrutura formal das interrogativas de conteúdo no português contemporâneo se caracteriza pela presença de dois fenômenos morfossintáticos distintos: (i) a flexibilidade de ordenação do constituinte interrogativo, que pode alocar-se na posição inicial (cf. (1a)) ou final (cf. (1e)) da oração interrogativa, e (ii) a possibilidade de clivagem do constituinte interrogativo em posição inicial por meio da construção-*é que* (cf. (1b)) ou da construção-

² Deve-se dar destaque aqui aos seguintes trabalhos: Casseb-Galvão (2011), Dall'Aglio-Hattner e Hengeveld (2016), Fontes (2016), García Castillero (2017), Giomi (2017), Hengeveld (2011, 2017), Keizer (2007, 2008, 2009, 2012, 2013, 2016), Olbertz (2016), Olbertz e Honselaar (2017), Silva-Surer (2014), Souza (2009, 2010a, 2010b, 2011, 2012), Tena Dávalos (2017) e Villerius (2017).

que (cf. (1h)). É sobre esse segundo fenômeno linguístico que se concentra a atenção da investigação aqui apresentada.

Em trabalhos anteriores (cf. FONTES, 2012a, 2012b, 2015; FONTES; PEZATTI, 2012), vem-se defendendo que (i) o uso da construção-*é que* e da construção-*que*, em interrogativas de conteúdo do português, corresponde a um mecanismo formal de marcação de ênfase, com que o falante destaca ou reforça o constituinte interrogativo, e que (ii) essas duas construções emergem, diacronicamente, da sintaticização e da morfologização (cf. GIVÓN, 1979) de estruturas relativas já disponíveis na língua. Retomando esses resultados e assumindo que a emergência da construção-*é que* e da construção-*que*, em interrogativas de conteúdo do português, representa um caso de gramaticalização, este trabalho busca avançar em tais reflexões, propondo uma representação, no âmbito do modelo da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), para tal trajetória de gramaticalização.

Para tanto, a partir de dados secundários retirados de trabalhos já desenvolvidos a respeito da diacronia das interrogativas de conteúdo do português, principalmente os trabalhos de Fontes (2012a, 2012b, 2015) e Lopes-Rossi (1996), este artigo procura (i) distinguir diferentes padrões de estruturação das construções clivadas nas interrogativas de conteúdo do português, e (ii) revelar como esses padrões dão conta de mapear o percurso diacrônico de gramaticalização das clivadas nas sentenças interrogativas.

A concretização de tais objetivos específicos torna possível responder ao seguinte questionamento central para esta pesquisa: quais dispositivos de análise o modelo da GDF oferece para abordar e representar a gramaticalização das construções clivadas em interrogativas de conteúdo do português? Espera-se, a partir daí, chegar a um resultado que contribua efetivamente para a arquitetura de uma abordagem hierárquica da gramaticalização.

Este artigo está estruturado em três seções: a primeira apresenta o modelo gramatical da GDF, trazendo seus dispositivos mais essenciais para a análise; a segunda distingue quatro padrões de construções clivadas na diacronia das interrogativas de conteúdo do português; e a terceira, por fim, mostra como tais padrões representam um percurso de gramaticalização, abordando-o conforme o modelo da GDF. As considerações encerram o trabalho, trazendo as implicações para a composição de uma abordagem hierárquica da gramaticalização.

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

A Gramática Discursivo-Funcional

Hengeveld e Mackenzie (2008) concebem a GDF como o Componente Gramatical de uma teoria mais geral da interação verbal, articulado a três componentes não linguísticos: o Componente Conceitual, o Componente Contextual e o Componente de Saída. Assim, no interior desse modelo, as intenções comunicativas de um usuário da língua são processadas em direção descendente até chegar à articulação da expressão linguística, isto é, a intenção comunicativa do falante, gerada no Componente Conceitual, passa para o Componente Gramatical (a GDF propriamente dita), onde ganha uma representação pragmático-semântica e é codificada morfossintática e fonologicamente, e, por fim, progride para a articulação, sob responsabilidade do Componente de Saída. Fica a cargo do Componente Contextual lidar com as informações sobre o contexto comunicativo (linguístico e situacional) em que são produzidas quaisquer expressões linguísticas.

No interior do Componente Gramatical (e da GDF, por conseguinte), são distinguidas duas operações: a formulação, responsável por converter representações conceituais em representações pragmáticas e semânticas, e a codificação, que materializa linguisticamente as representações pragmáticas e semânticas por meio de estruturas morfossintáticas e fonológicas. Assim, enquanto a formulação dá bases para os níveis Interpessoal e Representacional, a codificação edifica os níveis Morfossintático e Fonológico.

Cada um dos níveis da GDF é concebido como um módulo separado e internamente estruturado em camadas hierarquicamente organizadas. A formalização em (2) dispõe uma representação da estrutura geral das camadas que compõem os níveis da GDF.

$$(2) (\pi v_1: [\text{núcleo } (v_1)_\Phi]: [\sigma (v_1)_\Phi])$$

Observa-se que, em (2), a camada relevante para a descrição linguística é representada pela variável v_1 . Cada um dos níveis e das camadas da GDF conta com um conjunto de primitivos, blocos construtores combinados conforme as regras de formulação e de codificação da gramática da língua. Assim, as camadas de cada um dos níveis da GDF podem ser restringidas por primitivos de natureza lexical, como um *núcleo* ou um *modificador* (σ), ou podem ser especificadas por primitivos de natureza gramatical, como um *operador* (π) ou uma *função* (Φ).

O Nível Interpessoal, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), capta os aspectos formalmente codificados que refletem o papel de uma unidade linguística no interior da interação entre falante e ouvinte. A representação em (3) mostra que o *Movimento* (M) é a camada hierarquicamente mais alta desse nível, podendo conter um ou mais Atos Discursivos (A). O Ato Discursivo, por sua vez, pode conter uma Ilocução (F), um ou mais Participantes (P) e o Conteúdo Comunicado (C). O Conteúdo Comunicado, por fim, constitui-se de Subatos Atributivos (T) e Subatos Referenciais (R).

(3) $(M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{\{\Phi\}} (R_1)_{\{\Phi\}}] (C_1)_{\{\Phi\}}]) (A_1)]) (M_1))$

É no interior do Nível Interpessoal que se distingue a categoria pragmática da ênfase. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008) e Moutaouakil (2011), a ênfase constitui um mecanismo de intensificação, ou seja, um recurso linguístico que serve ao propósito comunicativo do falante em destacar ou colocar em proeminência uma determinada (parte de) informação, chamando a atenção de seu ouvinte para ela.

Na GDF, a ênfase pode corresponder a um modificador ou a um operador das diversas camadas que compõem o Nível Interpessoal, isto é, a expressão da ênfase pode se dar por meios lexicais (modificadores enfáticos) ou por meios gramaticais (operadores enfáticos). Em (4), por exemplo, tanto a construção-*é que* (cf. (4a)) como a construção-*que* (cf. (4b)) correspondem a operadores de ênfase (*emph*), já que, conforme afirma Pezatti (2012, p. 92), ambas “assinalam o desejo do Falante de intensificar partes de informação”, isto é, correspondem a estratégias gramaticais utilizadas pelo falante para ressaltar e colocar em destaque o constituinte interrogativo, um Subato Referencial (R), de modo a direcionar a atenção do ouvinte para ele.

(4)

a o que é que vocês diriam sobre isso? (FONTES, 2015, p. 31)

NI: (INT A₁: [(C₁: você diriam sobre isso (C₁)) (*emph* +id,-s R₁ (R₁)_{Foc})] (A₁))

b que *que* eu vou dizer sobre o cumprimento? (FONTES, 2015, p. 31)

NI: (INT A₁: [(C₁: eu vou dizer sobre o cumprimento (C₁)) (*emph* +id,-s R₁ (R₁)_{Foc})] (A₁))

O Nível Representacional, por sua vez, trata dos aspectos formalmente codificados de uma unidade linguística que refletem seu papel no estabelecimento de uma relação com o mundo real ou imaginário que ela descreve. Ele dá conta, portanto, das propriedades semânticas das unidades linguísticas. Assim, conforme afirmam Hengeveld e Mackenzie (2008), na formulação de uma expressão linguística, o Nível Interpessoal lida

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

com aspectos da evocação em termos de unidades interativo-comunicativas, enquanto o Nível Representacional lida com aspectos da designação em termos de categorias ontológicas.

Conforme representa (5), a camada mais alta desse nível é o Conteúdo Proposicional (p), que pode conter um ou mais Episódios (ep). Já os Episódios podem conter um ou mais Estados-de-Coisas (e).

$$(5) (p_1: [(ep_1: [(e_1: [(f_1^c: [(f_1)^n (x_1)_\phi] (f_1^c)) (e_1)_\phi])]) (ep_1)]) (p_1))$$

O *slot* do núcleo de um Estado-de-Coisas pode ser preenchido por uma Propriedade simples, denominada de Propriedade Lexical (f), ou por uma Propriedade complexa, que passa a ser chamada de Propriedade Configuracional (f^c) e que abriga o inventário de esquemas de predicação relevantes de uma língua. A predicação é entendida como a combinação de um predicado a seus argumentos de forma que, num esquema de predicação, há um núcleo e seus dependentes, e esta dependência é mostrada por meio da presença de funções semânticas.

O Nível Morfossintático trata dos aspectos estruturais de uma unidade linguística. Juntamente com o Nível Fonológico, cuida da codificação das distinções interpessoais e representacionais. Conforme (6), a camada mais alta do Nível Morfossintático é a Expressão Linguística (El), dentro da qual podem se combinar Orações (Cl), Sintagmas (Xp) – que podem ser Nominais (Np), Adjetivais (Adjp), Verbais (Vp) ou Adverbiais (Advp) –, e/ou Palavras (Xw) – que podem ser Lexicais (Lw) ou Gramaticais (Gw).

$$(6) (El_1: [Cl_1: [(Xw) (Xp_1: [(Xw) (Xp_2) (Cl_2)] (Xp_1)) (Cl_3)] (Cl_1)]) (El_1))$$

O *input* que segue dos níveis Interpessoal e/ou Representacional para o Nível Morfossintático pode conter informações lexicais (do componente lexical), preservadas no *output*, e informações não-lexicais, como: (i) informações a respeito de *relações de dependência* (por exemplo, a relação entre modificadores e núcleo); (ii) informações sobre *funções* (retóricas, pragmáticas e semânticas); (iii) informações sobre *operadores*; e, por fim, (iv) informações abstratas do tipo que devem ser convertidas em proformas.

Quanto às relações de dependência, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 305) distinguem dois tipos: (i) núcleo-modificador (*head-modifier relation*), em que se expande um núcleo (*head*) aplicando um modificador, como a relação entre nome e adjetivo atributivo ou entre advérbio de grau e adjetivo; e (ii) núcleo-dependente (*nucleus-dependent relation*), como a relação entre predicado e seus argumentos; nesse caso, diferente da relação núcleo-modificador, estabelece-se, entre predicado e argumento(s), uma relação equipolente determinada pelo molde de predicação correspondente, e, juntos, predicado e argumento constituem um núcleo.

O Nível Fonológico, por fim, é responsável por aspectos da codificação que não ocorrem no Nível Morfossintático, isto é, ele contém representações de fonemas que são baseadas em oposições fonológicas binárias. Assim, ele recebe o *input* dos outros três níveis e provê *input* para a articulação, sob responsabilidade do Componente de Saída.

Padrões de construções clivadas em interrogativas de conteúdo na história do português

Braga (2009) distingue, para o português, duas “famílias” de construções clivadas: (i) as construções clivadas (cf. (7a)), junto às quais se encontram as construções-*é que* (cf. (7b)) e as construções-*que* (cf. (7c)), e (ii) as construções pseudoclivadas (cf. (7d)), junto às quais estão as pseudoclivadas invertidas (cf. (7e)), as pseudoclivadas extrapostas (cf. (7f)) e as construções foco-ser (cf. (7g)).

(7)

- | | | |
|---|----------------------------|-----------------------------------------------------------|
| a | Clivada: | É [isso] <i>que</i> vai ter que ver primeiro. |
| b | Construção- <i>é que</i> : | [Lanternagem] <i>é que</i> tem muita. |
| c | Construção- <i>que</i> : | [Os Paraíba brabo lá do fundo] <i>que</i> fala mal. |
| d | Pseudoclivada: | <i>Quem</i> estava com a chave <i>era</i> [o jardineiro]. |
| e | Pseudoclivada invertida: | [Bife] <i>é o que</i> mais sai hoje em dia na cozinha. |
| f | Pseudoclivada extraposta: | Olha, não <i>foi</i> [eu] <i>quem</i> tirou a medida. |
| g | Construção foco-ser: | Só tinha mesmo <i>era</i> [hospitais do governo]. |
- (cf. BRAGA, 2009, p. 180)

Com base na proposta de Braga (2009) e nos trabalhos de Lopes-Rossi (1996), de Fontes (2012a, 2012b, 2015) e de Fontes e Pezatti (2012), o percurso diacrônico da clivagem em interrogativas de conteúdo do português pode ser sistematizado a partir de quatro padrões representados e exemplificados em (8)³.

3 Quando necessário, recorre-se a dados de interrogativas de conteúdo extraídos de um conjunto de peças de teatro selecionado por Fontes (2012b). As peças, com suas siglas correspondentes, são as que seguem: para o século XIX, *O juiz de paz na roça* (19TMPa) e *Judas no sábado de aleluia* (19TMPb), de Martins Pena, e *Viagem ao Parnaso* (19TAAa) e *O Tribofe* (19TAAb), de Artur Azevedo; para o século XX, *Deus lhe pague* (20TJCa) e *Figueira do Inferno* (20TJCb), de Joracy Camargo, e *A invasão* (20TDGa) e *O santo inquérito* (20TDGb), de Dias Gomes.

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

- (8) a **Q (ser) o que:** que *é o que* quer? (LOPES-ROSSI, 1996, p. 42)
 b **Q (ser) que:** quem *foi que* tomou a injeção? (20TJCb)¹
 c **Q é que:** onde *é que* você esteve? (FONTES, 2015, p. 33)
 d **Q que:** o que *que* cê tem visto? (FONTES, 2015, p. 34)

Nas sentenças interrogativas em (8), o constituinte interrogativo, alocado na posição inicial da oração, é seguido por diferentes tipos de construções clivadas, conforme classificação de Braga (2009). Na GDF, esses padrões, *outputs* da operação de codificação morfossintática, são reflexos de diferentes *inputs* provenientes da operação de formulação, isto é, esses diferentes padrões morfossintáticos alinham-se, cada um, a distintas representações nos níveis Interpessoal e Representacional.

O padrão (8a) abarca sentenças interrogativas como (9a-b), em que o constituinte interrogativo em posição inicial vem acompanhado de uma construção pseudoclivada invertida. Esse padrão, segundo Lopes-Rossi (1996), predomina ao longo do período clássico da história do português (entre os séculos XVII e XVIII).

- (9) a Sobrinho desalmado, **que** é o que **fizeste?**
 b ... **que é o que fez durar tão pouco em seu principado senão a tacanheza?**
 (LOPES-ROSSI, 1996, p. 42)

Ao tratar das construções clivadas, Pezatti (2012) exclui de seu estudo as pseudoclivadas, argumentando que tais construções constituem, na verdade, estruturas relativas. A autora, então, aborda somente as construções clivadas altamente gramaticalizadas: a construção clivada em (7a) e a construção foco-ser em (7g) são, segundo a autora, mecanismos de codificação de funções pragmáticas, respectivamente Contraste e Foco; já a construção-*é que* em (7b) e a construção-*que* em (7c) correspondem a operadores de ênfase. Tal posição se compatibiliza com o modelo de gramática da GDF, em que operadores de ênfase ou partículas sinalizadoras de funções pragmáticas são itens altamente gramaticais, isto é, caracterizam-se por um alto grau de gramaticalidade e de fixação em sua estrutura composicional e analítica.

Segundo Pezatti (2012), acredita-se, neste trabalho, que, no âmbito do aparato teórico-metodológico da GDF, construções pseudoclivadas invertidas (cf. (8a); (9)), por envolverem mais uma identificação do que qualquer outra estratégia pragmática, são mais adequadamente descritas como estruturas relativas, e não como um primitivo

gramatical (operador ou função) que assinala ênfase ou que atribui função pragmática a algum constituinte da oração.

Lopes-Rossi (1996, p. 42), sob um viés gerativista, fortalece esse posicionamento ao considerar que as interrogativas em (8a) e (9) são formadas, conforme ilustra (10), a partir da extração-Wh de uma estrutura de focalização invertida com *small-clause* (foc-inv-SC). Trata-se, como se pode observar, de uma estrutura de mini-orção (SC) selecionada pelo verbo *ser*, ou melhor, Lopes-Rossi (1996) propõe que se analise uma estrutura como (10) considerando que o verbo *ser* seleciona uma mini-orção, e que a relativa restritiva é uma estrutura de DP.

(10) ISSO_i é [_{SC} [_{DP} t_i [_D^o [_{CP} o que lhe dá saúde.]]]] (LOPES-ROSSI, 1996, p. 145)

De um ponto de vista funcional, também se encontram em Dik (1997) argumentos favoráveis para tal posicionamento. Segundo o autor, a estrutura em (11), do inglês, bastante similar às pseudoclivadas invertidas do português, apresenta as seguintes propriedades: (i) é uma construção de identificação, em que a entidade descrita pela expressão *what Peter found in the garden* é identificada como sendo nada além do que a expressão *John's watch*; (ii) a expressão identificadora (*John's watch*) é o foco da sentença, já que constitui a informação mais saliente no contexto comunicativo, enquanto o restante da expressão (*what Peter found in the garden*) é o tópico dado, pois se refere a uma informação pressuposta, o ponto de partida comum para a interação entre falante e ouvinte; (iii) o tópico dado é realizado por meio de uma orção relativa.

(11) John's watch was what Peter found in the garden. (DIK, 1997, p. 293)

Figueiredo-Gomes e Souza (2013) apontam algumas propriedades que permitem visualizar melhor como a estrutura composicional e analítica de uma construção pseudoclivada invertida não se encontra totalmente fixada e/ou gramaticalizada: (i) em (12), defendem os autores que *o* é um pronome demonstrativo que se refere ao sujeito da orção matriz, e que a orção relativa encabeçada por *que* se encontra mais integrada à orção matriz; (ii) esse posicionamento se fortalece com os exemplos em (12b) e (12c) que, ao demonstrarem a possibilidade de flexão pessoal ou temporal da cópula *ser*, dão maiores evidências da baixa fixação dessa estrutura.

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

- (12) a Se esto e verdade, vos sejades bem viindo. E bem seja veudo o cavaleiro, **ca este é o que há-de dar cima aas aventuras do Santo Graal**. Nunca foe feito em esta casa tanta honra, como lhe nos faremos.
- b e ali foraõ fobterrados todos feis e o mercador com eles **os nomes dos quaes são os que se seguem** dom Pero Paes commendador mor Mem do Valle, Damiao Vaz Alvaro GraciaEstevao Vaz Vallerio de Ofla e o mercador Gracia Rodriguez cujos corpos foraõ despois tidos em grande reliquia ...
- c Esta dona Isabell se ue casada com dom Joham Affomssso o boo d'Albuquerque, e fez em ella dom Martinho. **Este dom Joham Affomssso foy o que trouerom no ataúde os iffantes suso ditos** e outros muitos boons como se mostra em este titullo parrafo XII hu esta tal sinall.
- (FIGUEIREDO-GOMES; SOUZA, 2013, p. 299)

As considerações apresentadas mostram que as pseudoclivadas invertidas como em (8a) e (9), por não apresentarem um alto grau de fixação em sua estrutura interna e/ou um elevado grau de gramaticalidade, podem ser analisadas como um complexo bioracional e descritas, sob o viés da GDF, como uma relação do tipo núcleo-modificador (neste caso uma estrutura relativa), em que se expande um elemento nuclear por meio de um modificador: no caso de (8a), repetido em (13) por conveniência, o pronome demonstrativo *o*, de referência vaga, é o núcleo expandido pelo modificador complexo (a oração relativa) encabeçado pelo pronome relativo *que*.

(13) **que é o que quer?**

NI: (A₁: [(F₁: INT (F₁)) (C₁: [(+id, -s R₁) (+id, +s R₂: ♦ (R₂): (C₂: que quer (C₂) (R₂))] (C₁))] (A₁))

NR: (e₁: (f₁: [(x₁: *que* (x₁)) (e₂: *o que quer* (e₂))] (f₁)) (e₁))

NM: (Cl₁: [(Np₁: (Nw₁: que (Nw₁)) (Np₁)) (Vp₁: (Gw₁: ser (Gw₁)) (Vp₁)) (Np₂: [(Nw₂: o (Nw₂)) (depCl₂: que quer (depCl₂))] (Np₂))] (Cl₁))

As representações em (13) mostram, em relação ao padrão (8a) de estruturação das interrogativas de conteúdo do português, que:

- no Nível Interpessoal (NI), a sentença interrogativa constitui um Ato Discursivo (A₁) com Ilocução abstrata Interrogativa (INT) e com um Conteúdo Comunicado (C₁) complexo, composto por dois Subatos Referenciais, um (R₁) marcado pelos operadores {+id, -s} e codificado, no Nível Morfossintático, pelo constituinte

interrogativo *que*, e outro (R_2), de núcleo vazio (\diamond), marcado pelos operadores $\{+id, +s\}$, expandido por um Conteúdo Comunicado (C_2) e codificado, no Nível Morfossintático, pelo pronome *o*;

- ii. uma estrutura interrogativa como (13) corresponde a uma sentença copular e, no Nível Representacional (NR), designa um Estado-de-Coisas (e_1) constituído por uma Propriedade Identificacional, em que duas unidades semânticas, o indivíduo (x_1), designado pelo constituinte interrogativo *que*, e o Estado-de-Coisas (e_2), designado pelo complexo oracional *o que quer*, representam modos alternativos de visão da mesma entidade;⁴
- iii. no Nível Morfossintático, a Oração interrogativa (Cl_1) compõe-se de um Sintagma Nominal (Np_1), cujo núcleo é o constituinte interrogativo *que* (Nw_1), de um Sintagma Verbal (Vp_1), com a cópula *ser* (Gw_1), e de um Sintagma Nominal complexo (Np_2), composto por seu núcleo, o pronome demonstrativo *o* (Nw_2), e a Oração dependente *que quer* ($^{dep}Cl_2$), uma oração relativa. Vale ressaltar que a cópula *ser*, na GDF, é analisada como um *dummy*, isto é, um elemento gramatical que, introduzido somente no Nível Morfossintático como um suporte das flexões verbais, não apresenta correlatos nos níveis Interpessoal ou Representacional.

O padrão em (8b), por outro lado, predomina, conforme Fontes e Pezatti (2012), ao longo do século XIX e abriga dois casos: (i) um em que, entre o verbo *ser* e o complementizador *que*, pode intervir algum material linguístico, como o conectivo *então* (cf. (14a)) e o operador enfático *mesmo* (cf. (14b)); e (ii) outro em que o verbo *ser* sofre variação modo-temporal de acordo com o tempo da sentença interrogativa (cf. (14c-e)). Esse padrão constitui, de fato, casos de construções-*é que* cuja estrutura morfossintática interna não está totalmente fixada; tal gradualidade revela que o padrão (8b) é um estágio intermediário no percurso de emergência da construção-*é que* em interrogativas de conteúdo.

⁴ Vale ressaltar que as entidades designadas pelo constituinte interrogativo e pelo complexo oracional da sentença interrogativa podem variar conforme a intenção comunicativa do falante.

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

(14)

- a **Quem *foi* então *que* o senhor encontrou aos beijos?** (FONTES, 2015, p. 33)
- b Já ouvi falar de sua terra... ***que foi mesmo que eu ouvi falar?*** Ah! foi uma música de carnaval... (20TDGa)
- c **Que *foi que* aconteceu,** minha senhora? (FONTES, 2015, p. 33)
- d **Como *foi que* disse?** (LOPES-ROSSI, 1996, p. 115)
- e Também, ***que era que eles tinham de sair tão cedo?*** (FONTES; PEZATTI, 2012, p. 144)

Com os dados em (14), nota-se que a construção-*é que* não apresenta uma estrutura internada totalmente fixada e/ou não se encontra totalmente gramaticalizada: em (14a-b), além do conectivo *então* e do operador *mesmo* intervindo entre o verbo *ser* e o complementizador *que*, há uma correlação modo-temporal entre o verbo *ser* e o outro verbo da sentença interrogativa (*encontrou* e *ouvi*); em (14c-e), embora não haja material interveniente, a correlação modo-temporal entre o verbo *ser* e outro verbo da sentença interrogativa permanece, o que faz com que o verbo *ser* se flexione no pretérito perfeito do indicativo (cf. (14c-d)) ou no pretérito imperfeito do indicativo (cf. (14e)).

Segundo Fontes e Pezatti (2012), há, entre os dados em (14), evidência da incipiência de fixação da construção-*é que*: ela não se flexiona em número ou pessoa, já se fixando na terceira pessoa do singular. Nas palavras de Braga (2009, p. 181),

[...] a restrição à variação sugere que a expressão É QUE está constituindo um todo amalgamado, imune à correlação modo-temporal, à concordância número-temporal e à interferência de material linguístico entre os dois itens que a integram. Sugere, portanto, que a expressão É QUE está se gramaticalizando como uma locução sinalizadora de foco e que os segmentos vinculados por ela não constituem uma estrutura bioracional.

Com base nessa afirmação de Braga (2009), e de forma a garantir uma abordagem de tal construção que dê conta de representar o estágio intermediário e gradual de fixação de sua estrutura interna (marcada pela variabilidade modo-temporal e pela possibilidade de intervir material linguístico entre cópula *ser* e o restante da oração), opta-se, aqui, por analisar o padrão (8b) como uma estrutura bioracional, especificamente um caso de subordinação completiva ou, no âmbito do modelo da GDF, como uma relação do tipo núcleo-dependente, em que se estabelece uma relação entre um predicado e seu argumento: em (8b), trazido novamente em (15), *ser* é o verbo matriz, e *que*, uma conjunção

integrante, que encabeça uma oração predicativa. Ao se considerar a cópula *ser* como um verbo matriz, garante-se a representatividade de sua variabilidade modo-temporal no padrão (8b) e a possibilidade de material interveniente entre *ser* e *que*.

(15) quem *foi que* tomou a injeção?

NI: (A_i: [(F₁: INT (F₁)) (C₁: [(+id, -s R₁) (T₁: tomar (T₁)) (+id, -s R₂: injeção (R₂))]) (C₁))] (A_i))

NR: (e₁: (f^c₁: [(x₁: quem (x₁)) (e₂: tomar a injeção (e₂))] (f^c₁)) (e₁))

NM: (Cl: [(Np: quem (N_p)) (Vp: foi (Vp)) (^{dep}Cl₂: que tomou a injeção (Cl₂))] (Cl₁))

As representações em (15) mostram, em relação ao padrão (8b) de estruturação das interrogativas de conteúdo no português, que:

- i. no Nível Interpessoal (NI), a sentença interrogativa corresponde a um Ato (A_i) com Ilocução abstrata Interrogativa (INT) e com um Conteúdo Comunicado (C₁) composto de dois Subatos Referenciais – o constituinte interrogativo *quem* (R₁), marcado pelos operadores {+id, -s}, e o sintagma *a injeção* (R₂) –, e de um Subato Referencial, o verbo *tomar* (T₁);
- ii. no Nível Representacional, uma estrutura interrogativa como (15) corresponde a uma sentença copular *e*, assim, designa um Estado-de-Coisas (e₁) que se constitui de uma Propriedade Identificacional, em que duas unidades semânticas – o indivíduo (x₁) designado pelo constituinte interrogativo *quem*, e o Estado-de-Coisas (e₂) designado pela oração completiva *que tomou a injeção* – representam modos alternativos de visão da mesma entidade;
- iii. no Nível Morfossintático, a Oração interrogativa (Cl₁) constitui uma oração complexa, composta por um Sintagma Nominal (Np₁), cujo núcleo é a Palavra Nominal *quem* (Nw₁), por um Sintagma Verbal (Vp₁), nucleado pela cópula *ser* (Gw₁), e a Oração dependente *que tomou a injeção* (^{dep}Cl₂), uma oração completiva, especificamente uma oração predicativa. Destaca-se que tanto a cópula *ser* como a conjunção integrante *que* são introduzidas somente no Nível Morfossintático, não apresentando qualquer correlato nos níveis Interpessoal ou Representacional.

Já o padrão (8c) abriga sentenças interrogativas em que o constituinte interrogativo vem acompanhado de uma construção-*é que* altamente gramaticalizada, cuja estrutura interna se encontra totalmente fixada, não permitindo, assim, a intervenção de qualquer material linguístico entre a cópula *ser* e o complementizador *que* ou qualquer variação

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

modo-temporal da cópula *ser* (cf. (16)). Esses casos, segundo Fontes e Pezatti (2012), apontam no século XIX e se encontram bastante frequentes em dados do século XX.

- (16) a onde *é que* você esteve?
 b onde *é que* você foi?
 c quem *é que* não mudou?
 d que *é que* você queria? Tudo mudou.
 (FONTES; PEZATTI, 2012, p. 144)

Por conta de seu alto grau de fixação interna, a construção-*é que*, nas interrogativas de conteúdo em (8c) e (16), pode ser analisada como um primitivo gramatical da formulação, neste caso um operador enfático da camada do Subato Referencial, no Nível Interpessoal (cf. (17)).

(17) onde *é que* você esteve?

- NI: (A₁: [(F₁: INT (F₁)) (C₁: [(**emph** +id, -s R₁) (+id R₂: [-S, +A] (R₂)) (T₁: estar (T₁)) (C₁))] (A₁))
 NR: (e₁: (f₁: [(f₁: estar_v (f₁)) (x₁: você (x₁)_A) (l₁: onde (l₁)_L) (f₁)) (e₁))
 NM: (Cl: [(Np: (Nw: onde (Nw)) (**Gw: é_que (Gw)**) (Np: (Nw: você (Nw)) (N_p)) (Vp: estar (Vp))] (Cl₁))

As representações em (17) mostram, em relação ao padrão (8c) de estruturação das interrogativas de conteúdo do português, que:

- no Nível Interpessoal (NI), a sentença interrogativa corresponde a um Ato (A) com Ilocução abstrata Interrogativa (INT) e com um único Conteúdo Comunicado (C), composto de dois Subatos Referenciais, o constituinte interrogativo *que* (R₁) e o pronome *você* (R₂), e de um Subato Atributivo, no caso o verbo *estar* (T₁). Ao Subato interrogativo aplica-se, além dos operadores de identificabilidade, o operador Ênfase (*emph*), codificado, no Nível Morfossintático, por *é que*;
- no Nível Representacional, a estrutura interrogativa constitui um Estado-de-Coisas formado a partir de qualquer tipo de esquema de predicado, já que, no padrão (8c), não mais se tem uma estrutura bioracional cuja matriz é uma sentença copular;

- iii. no Nível Morfossintático, a Oração interrogativa (Cl₁) constitui uma oração simples, sendo que, junto ao constituinte interrogativo posicionado na posição inicial da Oração, vem a Palavra Gramatical (Gw) *é que*.

Por fim, o padrão (8d), encontrado por Fontes (2012a, 2012b) e por Fontes e Pezatti (2012) somente em dados orais do século XX, abriga sentenças interrogativas cujo constituinte interrogativo vem acompanhado de uma construção-*que* e, assim como no padrão (8c), a sua ocorrência representa uma estratégia do falante em dar destaque ao constituinte interrogativo, chamando a atenção do ouvinte para ele. Especificamente, a construção-*que*, em (8d) e nas ocorrências em (18), ao colocar em relevo o constituinte interrogativo, torna-o mais saliente que a porção pressuposta do enunciado interrogativo (cf. KOHLER, 2006). Trata-se também, portanto, de um operador de ênfase.⁵

- (18) a *que que* a senhora acha das Olimpíadas?
 b *então que que* a gente fazia?
 c *como que* nós chegamos a ela?
 d *por que que* a senhora gostou dessa peça?

(FONTES, 2015, p. 34)

Com base nas representações em (19), podemos defender, em relação ao padrão (8d) de estruturação das interrogativas de conteúdo do português, que:

- i. no Nível Interpessoal (NI), a sentença interrogativa corresponde a um Ato (A₁) com Ilocução abstrata Interrogativa (INT) e com um único Conteúdo Comunicado (C), composto de dois Subatos Referenciais, o constituinte interrogativo *o que* (R₁) e o pronome *cê* (R₂), e de um Subato Atributivo, o verbo *ver* (T₁). Ao Subato interrogativo, aplica-se, além dos operadores de identificabilidade (+id, -s), o operador enfático (emph), codificado, no Nível Morfossintático, pela forma *que*;
- ii. no Nível Representacional, a estrutura interrogativa constitui um Estado-de-Coisas formado a partir de qualquer tipo de esquema de predicado, já que, no padrão (8d), não mais se tem uma estrutura bioracional;
- iii. no Nível Morfossintático, a Oração interrogativa (Cl₁) constitui uma oração simples, sendo que, junto ao constituinte interrogativo posicionado na posição inicial da Oração, vem a forma *que*, uma Palavra Gramatical (Gw).

⁵ Esse posicionamento se pauta em Pezatti (2012), para quem não há distinção entre construções-*é que* e construções-*que*, uma vez que ambas servem ao mesmo propósito comunicativo do falante: intensificar, ou enfatizar, partes da informação.

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

(19) o que *que* cê tem visto?

NI: (A₁: [(F₁: INT (F₁)) (C₁: [(**emph** +id, -s R₁) (+id R₂: [-S, +A] (R₂)) (T₁: ver (T₁)) (C₁))] (A₁))
 NR: (e₁: (f₁: [(f₁: ver_v (f₁)) (x₁: cê (x₁)_A) (x₂: o que (x₂)_U]) (f₁)) (e₁))
 NM: (Cl: [(Np: (Nw: o que (Nw)) (**Gw: que (Gw)**) (Np: (Nw: você (Nw)) (N_p)) (Vp: tem_
 visto (Vp))] (Cl₁))

Em síntese, devemos destacar que a proposição desses quatro padrões de construções clivadas em interrogativas de conteúdo do português permite não só abordar hierarquicamente construções altamente gramaticais, como construções-*é que* e construções-*que*, que correspondem a primitivos gramaticais da operação de formulação, mas também a gradualidade de construções como as pseudoclivadas invertidas e as construções-*é que* cujas estruturas internas permitem certa variabilidade, que representam casos de complexos bioracionais numa relação do tipo núcleo-modificador ou numa relação do tipo núcleo-dependente, respectivamente.

Abordagem hierárquica da gramaticalização da clivagem em interrogativas de conteúdo

A partir dos quatro padrões dispostos em (8), é possível visualizar uma trajetória de gramaticalização das construções clivadas em interrogativas de conteúdo do português que se caracteriza essencialmente (i) pela redução de um complexo bioracional a mono-oracional (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 204) e (ii) pela reinterpretação/reanálise da estrutura [cópula *ser* + complementizador *que*] em operador gramatical (SOUSA, 2007, 2012). Especificamente, tal trajetória de gramaticalização conjuga, conforme se observa na Figura 1, dois direcionamentos: (I) um que envolve a passagem do padrão (8a) ao padrão (8c), com um estágio intermediário entre eles, captado pelo padrão (8b); e (II) outro que envolve o percurso do padrão (8c) ao padrão (8d).

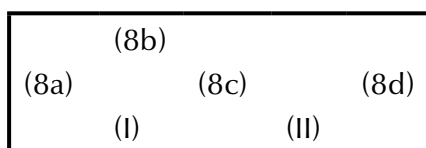


Figura 1 - Gramaticalização da clivagem em interrogativas de conteúdo

Enquanto a trajetória de gramaticalização (I) representa a emergência da construção-*é que* nas Interrogativas de Conteúdo, a trajetória (II) representa a emergência da construção-*que* nas Interrogativas de Conteúdo.

Para caracterizar a mudança representada em (I), tem-se que levar em conta, primeiramente, que, segundo Givón (1979), as construções clivadas do inglês se originam a partir da sintaticização de estruturas discursivo/paratáticas/pragmáticas, condensados sob o mesmo contorno entoacional e com progressiva eliminação de traços morfológicos da oração e do verbo cópula *be*. Longhin (1999), com base nas considerações desse autor, demonstra, com o esquema em (20), que a construção-*é que* emerge, no português, a partir da construção pseudoclivada invertida, com perda gradual de morfologia e apagamento do pronome *o*.

(20)

a	o erro que fazeyz [he o que] me da payxam	↓	const. pseudoclivada invertida
b	o erro que fazeyz [he Ø que] me da payxam		perda de morfologia
c	o erro que fazeyz <u>he que</u> me da payxam		construção- <i>é que</i>

(LONGHIN, 1999, p. 99)

Para Fontes (2012b, 2012c, 2015) e Fontes e Pezatti (2012), o desenvolvimento diacrônico das clivadas, conforme demonstra Longhin (1999) em (20), está ligado à implementação desse tipo de estrutura em sentenças interrogativas. Os autores defendem que a clivagem do constituinte interrogativo por meio de *é que* (padrão (8c)) surge como uma estratégia de ênfase a partir da sintaticização e da morfologização (cf. GIVÓN, 1979) de interrogativas com construções pseudoclivadas invertidas (padrão (8a)). Dessa forma, conforme se esquematiza em (21), a construção pseudoclivada invertida, que acompanha o constituinte interrogativo em posição inicial, tem, além da perda de traços morfológicos (morfologização), suas fronteiras sintáticas alteradas e o pronome demonstrativo *o* apagado (sintaticização), o que dá lugar à construção-*é que*.

(21)

a	Sobrinho desalmado, que [é o que] fizeste?	↓	Interrogativa + PC-INV
b	Sobrinho desalmado, que [é Ø que] fizeste?		Sintaticização/Perda de traços morfológicos
c	Sobrinho desalmado, que <u>é que</u> fizeste?		Interrogativa + Construção <i>é-que</i>

(FONTES, 2015, p. 32)

Deve-se lembrar, aqui, que a construção pseudoclivada invertida, no padrão (8a), consiste num complexo bioracional que, no âmbito do modelo da GDF, é descrito como uma relação do tipo núcleo-modificador, especificamente um caso de construção relativa. Já em relação ao padrão (8c), este trabalho defende que a construção-*é que* corresponde

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

a um primitivo da formulação, neste caso, um operador de ênfase da camada do Subato Referencial. Nesse sentido, as alterações pragmático-semânticas e morfossintáticas envolvidas na passagem do padrão (8a) ao padrão (8c) podem ser hierarquicamente representadas por meio do percurso *relação núcleo-modificador > primitivo*.

A sintaticização e a perda de traços morfológicos envolvidas em tal percurso é gradual. Para abordar essa gradualidade existente na trajetória do padrão (8a) ao padrão (8c), distingue-se o padrão (8b). Ao considerar tal padrão como um caso de relação núcleo-dependente – em que o predicado, no caso, a oração completiva iniciada por *que*, liga-se a seu argumento, o constituinte interrogativo, por meio da cópula *ser* –, é possível captar a gradualidade na fixação da construção-*é que*, pois, numa relação do tipo núcleo-dependente, há espaço para a ocorrência de material interveniente entre a cópula *ser* e o complementizador *que* e de variação modo-temporal da cópula *ser*. Dessa forma, a trajetória de gramaticalização I envolve, numa abordagem hierárquica como a da GDF, o percurso representado na figura 2.

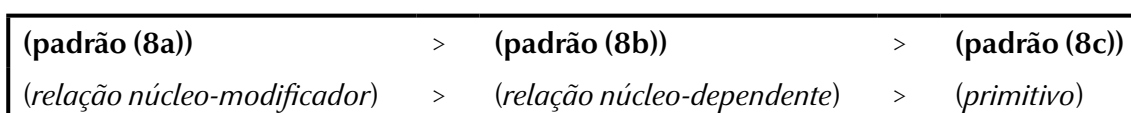


Figura 2 – Abordagem hierárquica à emergência da construção-*é que* nas interrogativas de conteúdo

A trajetória de gramaticalização do padrão (8a) ao padrão (8b) se caracteriza pela crescente integração gramatical entre as orações articuladas nos complexos bioracionais dos dois padrões. Em ambos os padrões, tem-se, no Nível Representacional, uma Propriedade Identificacional; o que os diferencia é o tipo de articulação sintática, no Nível Morfossintático: enquanto no padrão (8a), tem-se uma estrutura relativa, no padrão (8b), há uma estrutura completiva.

Assim, a gramaticalização do padrão (8a) ao padrão (8b) envolve, conforme proposta de Hopper e Traugott (2003), aumento no grau de dependência e de encaixamento entre as orações. Isso também se conforma ao que Lehmann (1988) denomina de integração da oração subordinada à oração principal: o padrão (8b), na hierarquia de rebaixamento, representa o grau máximo de relação hierárquica e de encaixamento entre orações, já que a oração subordinada é rebaixada a um constituinte da oração principal. Num nível sintático, o padrão (8b) também exibe uma maior integração entre orações: se se assume,

junto a Lehmann (1998, p. 189), que “quanto menor o nível, mais estreito o vínculo entre oração subordinada e oração principal,” vê-se que o padrão (8b) se encontra num nível interior ao sintagma verbal, e o padrão (8a), num nível dentro da oração principal.

Por outro lado, a trajetória de gramaticalização do padrão (8b) ao padrão (8c) envolve a reanálise da estrutura [verbo *ser* + complementizador *que*] e a consequente redução do complexo bioracional a mono-oracional, isto é, a redução de uma estrutura complexa a uma estrutura simples (HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Segundo Sousa (2007, 2012), é comum, em construções completivas com *se*, a conjunção integrante *se* ser reanalisada como parte do predicado matriz, formando, com ele, diferentes marcadores gramaticais. Nesse sentido, na passagem do padrão (8b) ao padrão (8c), observa-se um amalgamento entre o complementizador *que* e a cópula *ser*, o que obscurece as fronteiras sintático-semânticas entre oração principal e oração completiva e incide sobre o complexo bioracional da construção, reduzindo-o a mono-oracional. É dessa reanálise que emerge, nas interrogativas de conteúdo, a construção-*é que* como um operador de ênfase.

Assim, o percurso de gramaticalização (I), representado na Figura 2, confirma a proposta de Fontes (2015), que caracteriza a emergência da construção-*é que* em interrogativas de conteúdo do português como um caso de inovação (LEHMANN, 1995; HOPPER; TRAUGOTT, 2003): a clivagem do constituinte interrogativo por meio de *é que* surge a partir de material já existente na língua (as pseudoclivadas invertidas) como mecanismo de marcação de ênfase, operação discursiva que, antes, não se aplicava ao constituinte interrogativo. Isso leva à conclusão de que uma trajetória de gramaticalização de caráter inovador, como a trajetória (I), envolve, sob uma abordagem hierárquica como a da GDF, não só alterações em termos de estatutos categoriais e de estrutura composicional e analítica das construções clivadas, que deixam de configurar relações do tipo *núcleo-modificador* (padrão (8a)) ou *núcleo-dependente* (padrão (8b)) para fixarem-se como um *primitivo*, um operador enfático (padrão (8c)), mas também um aumento nas relações de escopo dessas construções, que, do Nível Representacional, passam a atuar no Nível Interpessoal. Tal resultado vai ao encontro da proposta de Hengeveld (2017), para quem uma abordagem hierárquica da gramaticalização deve envolver uma mudança de conteúdo, caracterizada pelo incremento nas relações de escopo de um item ou de uma construção, e uma mudança formal, caracterizada pela perda de lexicalidade e mudança categorial.

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

Já em relação à trajetória de gramaticalização (II), Fontes (2012b, 2012c) e Pezatti e Fontes (2012) defendem que, seguindo um processo de contínua mudança e gramaticalização, a sintaticização e a morfologização da construção-*é que* levam à alteração de fronteiras sintáticas e ao apagamento da cópula (cf. (22)), de forma que a construção-*que* passa a funcionar como operador de ênfase.

(22)

Sobrinho desalmado, que é o que fizeste?	Interrogativa + Const. pseudoclivada invertida
Sobrinho desalmado, que [é Ø que] fizeste?	Sintaticização/Perda de traços morfológicos
Sobrinho desalmado, que é que fizeste?	Interrogativa + Construção- <i>é que</i>
Sobrinho desalmado, que [Ø que] fizeste?	Sintaticização/Perda de traços morfológicos
Sobrinho desalmado, que que fizeste?	Interrogativa + Construção- <i>que</i>

↓
(FONTES, 2015, p. 33)

No âmbito do modelo da GDF, a trajetória do padrão (8c) ao padrão (8d) não envolve qualquer mudança de estatuto categorial ou de incremento de escopo: em ambos os padrões, a construção-*é que* e a construção-*que* correspondem a primitivos da formulação, especificamente a operadores de ênfase da camada do Subato Referencial. Entretanto, conforme demonstra a Figura 3, é no Nível Morfossintático que se visualizam as alterações envolvidas na passagem do padrão (8c) ao padrão (8d), já que, nesse nível, diferentes Palavras Gramaticais (ou *é que*, ou *que*) são mobilizadas para a marcação de ênfase.

(padrão (2c))	>	(padrão (2d))
(primitivo)	>	(primitivo)
NI: (emph R)	>	NI: (emph R)
NM: (Gw: é_que (Gw))	>	NM: (Gw: que (Gw))

Figura 3 – Abordagem hierárquica à emergência da construção-*que* nas Interrogativas de Conteúdo

Essa variabilidade entre a construção-*é que* e a construção-*que* na marcação de ênfase, em interrogativas de conteúdo do português, confirma a ideia de Fontes (2015), que caracteriza a emergência da construção-*que* como um caso de renovação: mobiliza-se uma nova forma – a construção-*que* – para cumprir uma função já existente, a operação de ênfase. Portanto, diferente da trajetória de gramaticalização (I), uma trajetória de gramaticalização de caráter renovador, como a trajetória (II), envolve, sob uma abordagem hierárquica como a da GDF, alterações num nível formal, especificamente no Nível Morfossintático: no caso das interrogativas de conteúdo, as alterações contínuas por que passa a construção-*é que* fazem emergir uma nova forma, uma nova Palavra Gramatical.

Em suma, conforme propõe Hengeveld (2017), uma abordagem hierárquica da gramaticalização deve envolver uma mudança de conteúdo, caracterizada pelo aumento sistemático e gradual das relações de escopo de um item ou de uma construção, e uma mudança formal, marcada pela diminuição sistemática e gradual da lexicalidade de um item ou de uma construção. A trajetória I, enquanto um caso de gramaticalização de caráter inovador, representa bem essa proposta: além da mudança de conteúdo, com um incremento nas relações de escopo das construções clivadas, que deixam de atuar no Nível Representacional, enquanto Propriedades (Configuracionais) Identificacionais, e passam a atuar no Nível Interpessoal, enquanto operadores enfáticos do Nível Interpessoal, observa-se a mudança formal, já que, nessa trajetória, há claramente a perda de traços lexicais das construções, representada na fixação de sua estrutura interna e no apagamento de suas fronteiras morfossintáticas. Por outro lado, a trajetória II, enquanto caso de gramaticalização de caráter renovador, não permite visualizar uma mudança de conteúdo, mas permite visualizar uma mudança de caráter mais formal, já que emerge, dentro do padrão da Oração interrogativa, uma nova Palavra Gramatical para a codificação de uma operação discursiva já existente.

Considerações finais

Numa tentativa de contribuir para o delineamento de uma abordagem hierárquica a casos de gramaticalização, este trabalho investiga, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da GDF, a ocorrência, ao longo da história do português, de construções clivadas em interrogativas de conteúdo. Para tanto, são distinguidos quatro padrões de estruturação das clivadas nesse tipo de sentença:

- i. o padrão (8a) se caracteriza pela presença, na oração interrogativa, de uma construção pseudoclivada invertida. À luz da GDF, uma construção desse

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

tipo, por conta de seu baixo grau de fusão interna, deve ser analisada, no Nível Representacional, como um tipo de Propriedade Configuracional, isto é, como uma Propriedade Identificacional e, no Nível Morfossintático, como uma estrutura relativa, numa relação do tipo núcleo-modificador;

- ii. no padrão (8b), encontram-se, na estrutura das interrogativas de conteúdo, construções-*é que* não totalmente fixadas, que permitem variabilidade modo-temporal da cópula *ser* ou a presença de material interveniente entre *ser* e *que*. A GDF representa tal padrão, no Nível Representacional, como uma Propriedade Identificacional e, no Nível Morfossintático, como uma construção completiva, numa relação do tipo núcleo-dependente;
- iii. o padrão (8c) abriga construções-*é que* totalmente fixadas, que, no Nível Interpessoal, correspondem a operadores enfáticos com escopo sobre o Subato Referencial (o constituinte interrogativo), e, no Nível Morfossintático, são codificadas como Palavras Gramaticais;
- iv. o padrão (8d) abriga as construções-*que*, também captadas pela GDF como operadores enfáticos do Subato Referencial interrogativo, no Nível Interpessoal, e codificadas, no Nível Morfossintático, como Palavras Gramaticais.

Tais padrões permitem propor um *cline* de gramaticalização das construções clivadas em interrogativas de conteúdo com duas trajetórias: (I) do padrão (8a) ao padrão (8c), sendo o padrão (8b) um estágio intermediário entre eles; e (II) do padrão (8c) ao padrão (8d). A proposição desses quatro padrões e o desenho de tal trajetória de gramaticalização, com base no modelo gramatical da GDF, levanta algumas implicações para a proposição de uma abordagem hierárquica da gramaticalização.

Uma primeira contribuição está em como representar o gradual processo de fixação envolvido na emergência de formas de natureza perifrástica. Fontes (2016) propõe que uma abordagem hierárquica da mudança linguística (via lexicalização ou gramaticalização) deve tomar os percursos *relação núcleo-modificador* > *primitivo* e/ou *relação núcleo-dependente* > *primitivo* como base para a representação do processo de fixação da estrutura composicional e analítica de formas perifrásticas. Este trabalho, ao investigar a trajetória diacrônica das construções clivadas em interrogativas de conteúdo do português, evidencia a aplicabilidade de tal proposição: a emergência da construção-*é que* (padrão (8c)), nas interrogativas de conteúdo do português, envolve, de modo geral, a reanálise de uma estrutura do tipo *núcleo-modificador* – a construção pseudoclivada invertida (padrão (8a)) – num *primitivo*, o operador enfático da camada do Subato Referencial.

Por outro lado, este trabalho mostra que é possível, no interior do modelo da GDF, captar a gradualidade envolvida no processo de fixação da construção-*é que*, típica de processos de mudança linguística via gramaticalização: a distinção de um padrão em que figura a relação *núcleo-dependente* permite representar dois traços característicos do estágio intermediário de gramaticalização dessa construção – a possibilidade de intervir algum material linguístico entre a cópula *ser* e o complementizador *que* e a variabilidade modo-temporal da cópula *ser*.

Uma segunda contribuição toca no caráter inovador/renovador da mudança linguística via gramaticalização e nas implicações que isso pode trazer para sua representação no interior da GDF. Confirmando a proposta de Fontes (2015), a trajetória de gramaticalização (I) é inovadora, uma vez que se vale de uma nova forma para cumprir uma nova operação discursiva (a ênfase) no interior da oração interrogativa, enquanto a trajetória de gramaticalização (II) é renovadora, pois uma nova forma surge para cumprir uma função já existente na formulação das interrogativas de conteúdo.

Assim, uma abordagem hierárquica da gramaticalização conforme proposta por Hengeveld (2017), ao envolver uma mudança de conteúdo e uma mudança formal, dá conta de casos inovadores de gramaticalização: no caso da gramaticalização da construção-*é que*, a mudança de conteúdo se caracteriza pelo aumento nas relações de escopo da construção, que deixa de figurar como uma Propriedade Identificacional, no Nível Representacional (padrão (8a)), para ser um primitivo, um operador enfático, no Nível Interpessoal (padrão (8c)); já a mudança formal se caracteriza pela emergência de uma nova Palavra Gramatical (a construção-*é que*) a partir de uma estrutura relativa.

A contribuição final deste trabalho está em propor uma abordagem hierárquica a casos renovadores de gramaticalização, localizando-os especificamente no Nível Morfossintático: no caso da gramaticalização da construção-*que*, por não envolver qualquer ampliação em suas relações de escopo e/ou alteração em seu estatuto categorial, visualiza-se uma mudança no âmbito de codificação da Palavra Gramatical mobilizada para se cumprir uma operação discursiva já existente na formulação das interrogativas de conteúdo do português, no caso de (Gw: *é_que* (Gw)) para (Gw: **que** (Gw)).

Referências

BRAGA, M. L. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 173-196, 2009.

BRINTON, L.; TRAUOGOTT, E. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

BYBEE, J.; PERKIS, R.; PAGLIUCA, W. **The evolution of grammar**: tense, aspect and modality in the languages of the world. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CASSEB-GALVÃO, V. Gramática discursivo-funcional e teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diski] no português brasileiro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 13(2), p. 305-355, 2011.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M.; HENGEVELD, K. The grammaticalization of modal verbs in Brazilian Portuguese: a synchronic approach. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 15, p. 1-14, 2016.

DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Part II: Complex and derived constructions. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FIGUEIREDO-GOMES, J. B.; SOUZA, M. M. Gramaticalização e metafunções da linguagem: uma análise da expressão *é que*. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 281-310, 2013.

FONTES, M. G. A clivagem do constituinte interrogativo em sentenças interrogativas do português brasileiro: uma abordagem diacrônica. **Signum. Estudos de Linguagem**, v. 15, p. 149-170, 2012a.

_____. **As interrogativas de conteúdo na história do português brasileiro**: uma abordagem discursivo-funcional. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2012b.

_____. Renovação e inovação em interrogativas de conteúdo. In: SOUZA, E. R. F. (Org.). **Estudos de descrição funcionalista**: objetos e abordagens. München (Alemanha): LINCOM, 2015. p. 12-40.

_____. **A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional**: uma proposta de implementação. 2016. 236 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2016.

FONTES, M. G.; PEZATTI, E. G. **As interrogativas de conteúdo na história do português brasileiro**: uma abordagem discursivo-funcional. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

GARCÍA CASTILLERO, C. Grammaticalization of the conditional form in Old Irish. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (Eds.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017. p. 191-214.

GIOMI, R. The interaction of components in a Functional Discourse Grammar account of grammaticalization. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (Eds.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017. p. 39-74.

GIVÓN, T. **On understanding grammar**. New York: Academic Press, 1979.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar: a reconstruction**. New York: Oxford University Press, 2007.

HENGEVELD, K. **A hierarchical approach to grammaticalization**. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (Eds.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017. p. 13-38.

_____. The grammaticalization of tense and aspect. In: NARROG, H.; HEINE, B. **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 2011. p. 577-591.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Reflections on the lexicon in Functional Discourse Grammar. **Linguistics**, v. 54, n. 5, p. 1135-1162, 2016.

_____. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KEIZER, E. The lexical-grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar. **Alfa**, São Paulo, n. 51, v. 2, p. 35-56, 2007.

_____. English prepositions in Functional Discourse Grammar. **Functions of Language**, v. 15, n. 2, p. 216-256, 2008.

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

_____. Verb-preposition constructions in Functional Discourse Grammar. **Lingua**, v. 119, n. 8, p. 1186-1211, 2009.

_____. Proforms in Functional Discourse Grammar. In: GARCÍA VELASCO, D.; WANDERS, G. (Eds.). **The Morphosyntactic Level in Functional Discourse Grammar. Language Sciences**, v. 34, n. 4 (Special Issue), p. 400-420, 2012.

_____. The X is (is) construction: an FDG account. In: MACKENZIE, J. L.; OLBERTZ, H. (Eds.). **Casebook in Functional Discourse Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 213-248.

_____. Idiomatic expressions in Functional Discourse Grammar. **Linguistics**, v. 54, n. 5, p. 981-1016, 2016.

LEHMANN, C. Towards a Typology of Clause Linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Eds.). **Clause Combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

_____. **Thoughts on Grammaticalization**. München Unterschleissheim; Newcastle: Lincom Europa, 1995.

_____. New reflections on grammaticalization and lexicalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Eds.). **New reflections on grammaticalization**. Amsterdam & Philadelphia: J. Benjamins, 2002. p. 1-18.

KOHLER, K. J. What is emphasis and how is it coded? In: **Proceedings of 3rd International Conference on Speech Prosody**. Dresden, 2006. p. 748-751.

LONGHIN, S. R. **As construções clivadas: uma abordagem diacrônica**. 1999. 195 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LOPES-ROSSI, M. A. G. **A sintaxe diacrônica das interrogativas-Q do português**. 1996. 197 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MOUTAOUAKIL, A. Emphasis and Emphatic Marking in Arabic: A Functional Discourse Grammar Approach. **Web Papers in Functional Discourse Grammar**, n. 85, p. 1-19, 2011.

OLBERTZ, H. Lexical auxiliaries in Spanish: How and why? *Linguistics*, v. 54, n. 5, p. 947-979, 2016.

OLBERTZ, H.; HONSELAAR, W. The grammaticalization of Dutch moeten: modal and post-modal meanings. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (Eds.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017. p. 273-300.

PEZATTI, E. G. Clivagem e construções similares: Contraste, Foco e Ênfase. *Linguística*, v. 28, p. 73-98, 2012.

SILVA-SURER, T. M. **Trajetórias de mudança dos predicados *acabar, acontecer e começar* sob perspectiva discursivo-funcional**. 2014. 190 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2014.

SOUSA, G. C. **Gramaticalização das construções com orações completivas: o caso do complemento oracional introduzido por “se”**. 2007. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2007.

_____. História de uma completiva: origem e desenvolvimento do complemento oracional introduzido por “se” do português. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 56, p. 81-107, 2012.

SOUZA, E. R. F. **Gramaticalização dos itens linguísticos *assim, já e aí* no português brasileiro: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional**. 2009. 260 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

_____. Os usos de ‘*assim*’ no português falado do noroeste paulista sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 39, p. 73-88, 2010a.

_____. O percurso de gramaticalização dos itens linguísticos “*assim*”, “*já*” e “*aí*” no português falado do interior paulista: uma abordagem discursivo-funcional. *Sínteses* (UNICAMP. *on-line*), v. 15, p. 348-375, 2010b.

- | Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo

_____. Gramaticalização de “aí” no português falado do interior paulista. **Estudos Linguísticos** (São Paulo, 1978), v. 40, p. 92-107, 2011.

_____. Um estudo discursivo-funcional de “assim”, “já” e “aí” no Português falado do noroeste paulista. In: SOUZA, E. R. F. (Org.). **Funcionalismo linguístico: análise e descrição**. v. 2. São Paulo: Contexto, 2012. p. 67-92.

TENA DÁVALOS, J. The end of a cycle: grammaticalization of the future tense in Mexican Spanish. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (Eds.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017. p. 215-240.

VILLERIUS, S. Modality and aspect marking in Surinamese Javanese: Grammaticalization and contact-induced change. In: HENGEVELD, K.; NARROG, H.; OLBERTZ, H. (Eds.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality, and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2017. p. 111-132.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: FONTES, Michel Gustavo. Abordagem hierárquica da gramaticalização de construções clivadas em interrogativas de conteúdo. **Revista do GEL**, v. 15, n. 1, p. 10-37, 2018. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v15i1.1844>

Submetido em: 23/06/2017. | **Aceito em:** 27/03/2018.
